


“MEXEU COM O VIADO ERRADO”: A MUDANÇA NO PROJETO DE DIZER DE UMA CONVERSA PARA UMA DENÚNCIA EM SITES DE REDES SOCIAIS

“MESSSED WITH THE WRONG FAGGOT”: THE CHANGE IN THE PROJECT OF SAYING FROM A CONVERSATION TO A REPORT ON SOCIAL MEDIA SITES

“ME METIÉ CON EL MARICÓN EQUIVOCADO”: EL CAMBIO DEL PROYECTO DE DECIR DE UNA CONVERSACIÓN A UN INFORME EN REDES SOCIALES

 <https://doi.org/10.56238/arev7n7-049>

Data de submissão: 03/06/2025

Data de publicação: 03/07/2025

Camila Franz Marquez

Graduação em Letras; Mestrado em Letras – Universidade Federal de Pelotas

E-mail: millamarquez@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1526376961000640>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0574-4012>

Karina Giacomelli

Licenciatura em Letras – Universidade Estadual de Maringá; Mestrado em Letras; Doutorado

em Letras – Universidade Federal de Santa Maria; Professora Associada – Universidade

Federal de Pelotas

E-mail: karina.giacomelli@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/02884546>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2883-8641>

RESUMO

Esse artigo é um recorte da dissertação *“Mexeu com o viado errado”: a mudança no projeto de dizer de uma conversa para uma denúncia em sites de redes sociais*, de Camila Franz Marquez, com orientação da Prof^a Dr^a Karina Giacomelli e investiga, sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD), como um diálogo privado entre psicóloga e paciente, realizado via WhatsApp, transforma-se em denúncia pública na rede social Facebook. A pesquisa parte de um caso real em que um jovem homossexual, levado pelos pais a uma consulta psicológica com proposta de “cura gay”, posteriormente entra em conflito com a profissional por meio de mensagens textuais. O estudo analisa, com base nos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin, especialmente os conceitos de gênero do discurso, acento valorativo, intenção discursiva e discurso alheio, os enunciados envolvidos nesse episódio, observando a mudança de esfera de circulação e os efeitos de sentido decorrentes. A metodologia segue o modelo de descrição-análise-interpretação proposto por Sobral (2009), revelando o embate ideológico entre dois projetos de dizer — um que patologiza a homossexualidade e outro que a afirma como identidade legítima. Conclui-se que as redes sociais funcionam como dispositivos de valoração e resistência discursiva, possibilitando a transformação de uma vivência de opressão em instrumento de denúncia coletiva e reposicionamento ético-político.

Palavras-chave: Análise Dialógica do Discurso. Homossexualidade. Ideologia. Redes sociais. Bakhtin.

ABSTRACT

This article is an excerpt from the dissertation “You messed with the wrong faggot”: the change in the project of saying from a conversation to a complaint on social media sites, by Camila Franz Marquez, supervised by Prof. Dr. Karina Giacomelli. It investigates, from the perspective of Dialogical Discourse Analysis (DDA), how a private dialogue between a psychologist and a patient, conducted via WhatsApp, turns into a public complaint on the social network Facebook. The research is based on a real case in which a young homosexual man, taken by his parents to a psychological consultation with a proposal for a “gay cure”, later comes into conflict with the professional through text messages. Based on the theoretical assumptions of the Bakhtin Circle, especially the concepts of discourse genre, evaluative accent, discursive intention and other people’s discourse, the study analyzes the statements involved in this episode, observing the change in the sphere of circulation and the resulting effects of meaning. The methodology follows the description-analysis-interpretation model proposed by Sobral (2009), revealing the ideological clash between two projects of speech — one that pathologizes homosexuality and the other that affirms it as a legitimate identity. It is concluded that social networks function as devices of valuation and discursive resistance, enabling the transformation of an experience of oppression into an instrument of collective denunciation and ethical-political repositioning.

Keywords: Dialogical Discourse Analysis. Homosexuality. Ideology. Social networks. Bakhtin.

RESUMEN

Este artículo es un extracto de la tesis doctoral “Te metiste con el tipo equivocado”: la transformación del proyecto de decir de una conversación a una queja en redes sociales, de Camila Franz Márquez, bajo la supervisión de la Prof. Dra. Karina Giacomelli. Investiga, desde la perspectiva del Análisis Dialógico del Discurso (ADD), cómo un diálogo privado entre un psicólogo y un paciente, realizado por WhatsApp, se transforma en una queja pública en la red social Facebook. La investigación se basa en un caso real en el que un joven homosexual, llevado por sus padres a una consulta psicológica con una propuesta de “cura gay”, posteriormente entra en conflicto con el profesional a través de mensajes de texto. Basado en los supuestos teóricos del Círculo de Bajtín, especialmente los conceptos de género discursivo, acento evaluativo, intención discursiva y discurso ajeno, el estudio analiza las declaraciones involucradas en este episodio, observando el cambio en la esfera de circulación y los efectos resultantes del significado. La metodología sigue el modelo de descripción-análisis-interpretación propuesto por Sobral (2009), revelando el choque ideológico entre dos proyectos de discurso: uno que patologiza la homosexualidad y otro que la afirma como una identidad legítima. Se concluye que las redes sociales funcionan como dispositivos de valoración y resistencia discursiva, permitiendo la transformación de una experiencia de opresión en un instrumento de denuncia colectiva y reposicionamiento ético-político.

Palabras clave: Análisis Dialógico del Discurso. Homosexualidad. Ideología. Redes sociales. Bajtín.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre linguagem e poder tem sido tema recorrente nas ciências humanas, especialmente quando se trata da produção e circulação de discursos que normatizam identidades e subjetividades. No campo da sexualidade, essa relação se intensifica quando discursos patologizantes, muitas vezes mascarados de práticas clínicas legítimas, ainda encontram espaço em instituições e profissionais da saúde. É nesse contexto que se insere a presente pesquisa, cujo objetivo é compreender como um diálogo privado, travado entre psicóloga e paciente homossexual por meio do aplicativo WhatsApp, é deslocado de sua esfera original e ressignificado como denúncia em uma rede social — o Facebook —, assumindo um novo projeto de dizer, orientado por uma intencionalidade política e social de resistência.

O caso analisado, ocorrido em 2019, envolve a tentativa de imposição de um tratamento de reversão da homossexualidade a um jovem, levado pelos pais a uma psicóloga. Posteriormente, diante da conduta inadequada da profissional, que contradiz as normas do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 1999), o paciente responde por meio de mensagens escritas e, com o apoio de uma amiga, torna pública a conversa em um grupo LGBTQ+ na rede social Facebook. O episódio viralizou e mobilizou discursos de denúncia, apoio e enfrentamento à homofobia institucional.

A base teórica da análise é a Análise Dialógica do Discurso (ADD), conforme desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin. Os conceitos fundamentais utilizados incluem o de enunciado concreto, acento valorativo, discurso alheio e gênero do discurso (Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2017). Conforme Bakhtin (2016), todo enunciado é atravessado por valores e ideologias, refletindo e refratando visões de mundo. Assim, os enunciados da psicóloga e do paciente não são neutros: expressam valores em confronto, que se tornam ainda mais nítidos quando os mesmos enunciados circulam em uma nova esfera, com nova orientação axiológica e ideológica.

A metodologia adotada, inspirada no percurso de descrição-análise-interpretação proposto por Sobral (2010), permite mapear esse deslocamento discursivo, considerando tanto os aspectos textuais quanto os extraverbais que constituem o sentido do discurso. O corpus é composto por trechos selecionados da conversa no WhatsApp e pela publicação no Facebook que torna público o caso. Ao analisar os efeitos de sentido nas duas esferas de circulação, buscamos compreender como as redes sociais operam como espaços de disputa simbólica, onde sujeitos marginalizados reconfiguram experiências de opressão em estratégias discursivas de denúncia e afirmação identitária (Tomaél, Alcará & Di Chara, 2005; Boyd, 2011).

A publicação analisada incorpora o discurso do outro (a psicóloga), ressignificando-o através de novas vozes — do paciente, da amiga e da comunidade online. Segundo Volóchinov (2017), o

discurso alheio, quando deslocado, pode ser reacentuado e reinterpretado, adquirindo novos valores e sentidos em contextos sociais distintos. É isso que ocorre no caso em questão, onde o insulto é transformado em força, e o “viado errado” passa a nomear, com orgulho e enfrentamento, um sujeito que não se cala diante da violência simbólica.

Ao estudar esse caso, buscamos contribuir para a compreensão dos modos como discursos de resistência LGBTQ+ se constroem na contemporaneidade, especialmente em ambientes digitais. Além disso, a análise problematiza os limites éticos da atuação profissional na área da saúde mental e evidencia a importância da escuta, da empatia e da valorização das diferenças como fundamentos inegociáveis do cuidado psicológico (Garcia & Mattos, 2019).

2 METODOLOGIA

Ancorada nos pressupostos teóricos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), conforme delineada pelo Círculo de Bakhtin. O corpus de análise é constituído por printscreens de uma conversa via WhatsApp entre uma psicóloga e um paciente homossexual, posteriormente expostos em uma publicação feita no grupo LGBTQ+ LDRV (Lana Del Rey Vevo), na plataforma Facebook. O foco do estudo recai sobre o processo de deslocamento e resignificação dos enunciados, que passam de uma esfera comunicativa íntima e profissional para o espaço público e coletivo das redes sociais digitais, transformando-se em instrumento de denúncia.

Com o objetivo de compreender esse processo, a pesquisa segue o modelo metodológico de descrição-análise-interpretação, tal como proposto por Sobral (2006, 2010) em diálogo com Brait. Essa metodologia pressupõe uma postura dialógica frente ao corpus, que considera não apenas a materialidade linguística dos enunciados, mas também suas condições de produção, circulação e recepção, atentando para os sujeitos envolvidos, suas posições sociais, seus projetos de dizer e os acentos valorativos que mobilizam.

A descrição do corpus compreende a apresentação dos enunciados concretos: a conversa iniciada pela psicóloga e as respostas do paciente no WhatsApp, bem como a publicação feita pela amiga no Facebook. Essa etapa busca situar os enunciados em suas respectivas esferas discursivas — a intimista do aplicativo de mensagens e a pública e engajada das redes sociais — observando as mudanças na configuração dos interlocutores, nas formas composicionais e nos propósitos comunicativos.

A análise incide sobre os aspectos dialógicos dos enunciados: a relação entre discurso próprio e discurso alheio, os acentos valorativos atribuídos a termos como “homossexualismo”, “cura gay” e “viado”, a construção da autoridade profissional e a contestação dessa autoridade por parte do paciente.

A transposição do enunciado para o Facebook permite observar, conforme Bakhtin (2016), uma reacentuação ideológica do discurso: o que antes era expressão de opressão se torna insumo para resistência.

A interpretação, por fim, articula os elementos linguístico-discursivos às condições sócio-históricas de sua produção. Considera-se o contexto político brasileiro contemporâneo, marcado por avanços e retrocessos nos direitos LGBTQ+, bem como a persistência de discursos conservadores no campo da saúde mental (Mesquita & Perucchi, 2016; Rodrigues, 2018). O embate entre os projetos de dizer se inscreve, portanto, em um campo de luta simbólica mais amplo, que atravessa o cotidiano dos sujeitos e se manifesta nos modos como produzem, compartilham e ressignificam a linguagem.

O uso de plataformas digitais como WhatsApp e Facebook não é neutro. Como apontam Boyd (2011) e Correia & Moreira (2014), cada ambiente digital carrega suas ambiências específicas, que moldam os usos da linguagem e os modos de interação. Enquanto o WhatsApp privilegia uma comunicação privada, direta e instantânea, o Facebook funciona como espaço de visibilidade pública e engajamento coletivo. Essa diferença é central para a compreensão do deslocamento semântico e valorativo ocorrido no caso analisado.

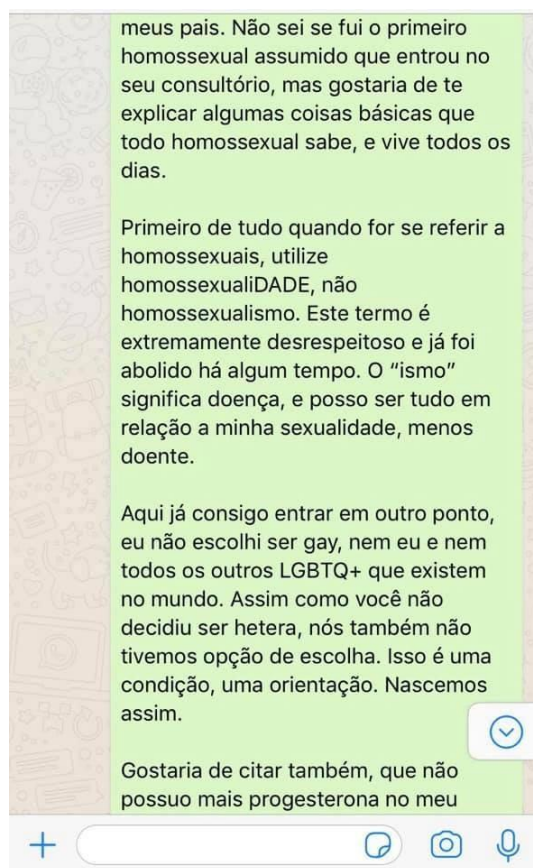
Em suma, a metodologia dialógica adotada neste estudo possibilita compreender como os sentidos circulam, se reconfiguram e se tornam instrumentos de disputa e de denúncia, revelando a força política da linguagem e o papel ativo dos sujeitos na produção de significações.

3 RESULTADOS

A análise do corpus revelou dois momentos distintos de produção discursiva: (1) a conversa entre psicóloga e paciente via WhatsApp e (2) a publicação dessa conversa no grupo LDRV do Facebook por uma terceira pessoa, amiga do paciente. Esses dois momentos marcam a mudança de um projeto de dizer inicialmente privado e argumentativo para um projeto de denúncia pública.

3.1 A CONVERSA NO WHATSAPP: CONFRONTO ENTRE PROJETOS DE DIZER

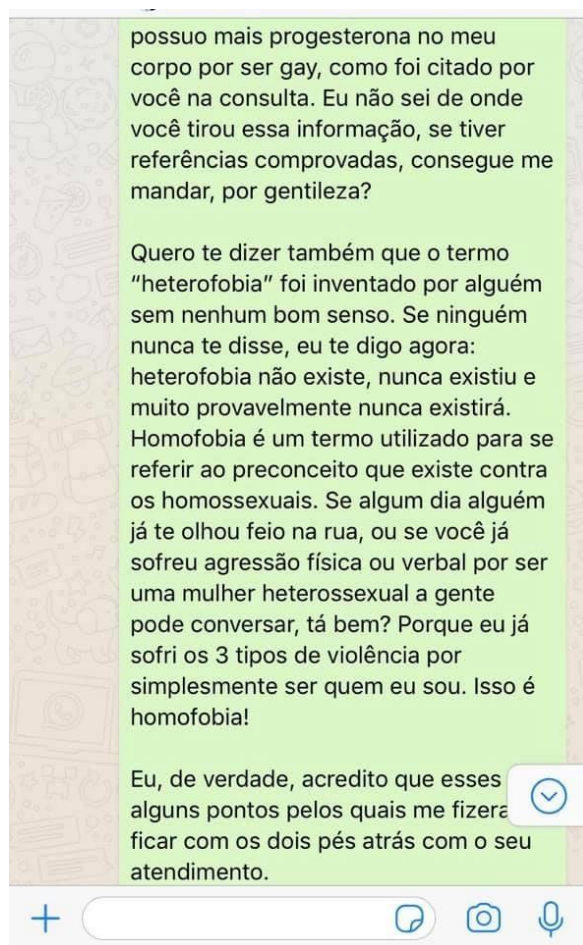
No primeiro enunciado do paciente, observa-se a recusa à proposta da psicóloga e a explicação de sua decisão. Ao utilizar a grafia destacada “homossexualiDADE” e afirmar que o termo “homossexualismo” é inadequado, o paciente demonstra conhecimento sobre os sentidos históricos do termo e seu caráter patologizante (Houaiss, 2001; Gianastácio, 2011).



Fonte da Imagem: Grupo LDRV

Em seguida, ele contesta a ideia de que a homossexualidade é uma escolha ou desvio, reiterando que “não escolheu ser gay”, e comparando com a orientação da psicóloga — uma estratégia que reforça a naturalidade da homossexualidade e sua legitimidade como identidade.

Ao longo do diálogo, o paciente responde com racionalidade, solicitando fontes para afirmações pseudocientíficas feitas pela psicóloga, como a suposta ausência de progesterona ligada à homossexualidade.

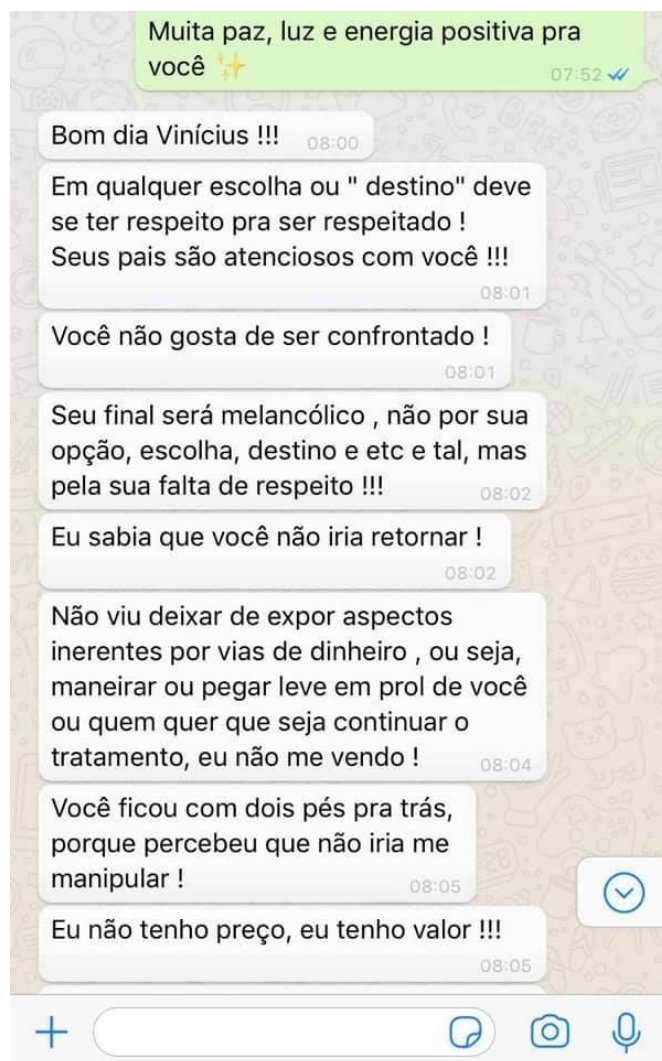


Fonte da Imagem: Grupo LDRV

Com base nessa argumentação, ele conclui que não considera o tratamento adequado, encerrando sua mensagem com tom respeitoso e firme.

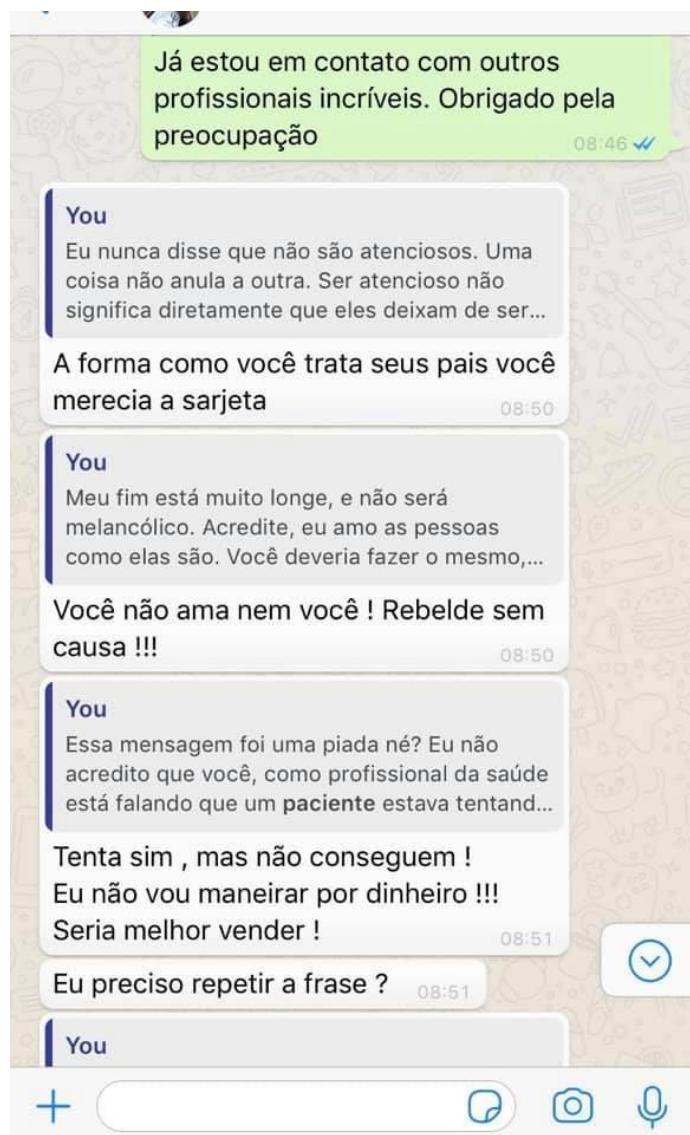
3.2 A RESPOSTA DA PSICÓLOGA: IMPOSIÇÃO DE UM DISCURSO VIOLENTO

A resposta da psicóloga, em contraste, revela um discurso agressivo, autoritário e ideologicamente orientado por valores religiosos e morais conservadores (Mesquita & Perucchi, 2016). Expressões como “Eu não me vendo” e “Eu tenho valor” aparecem mais de uma vez.



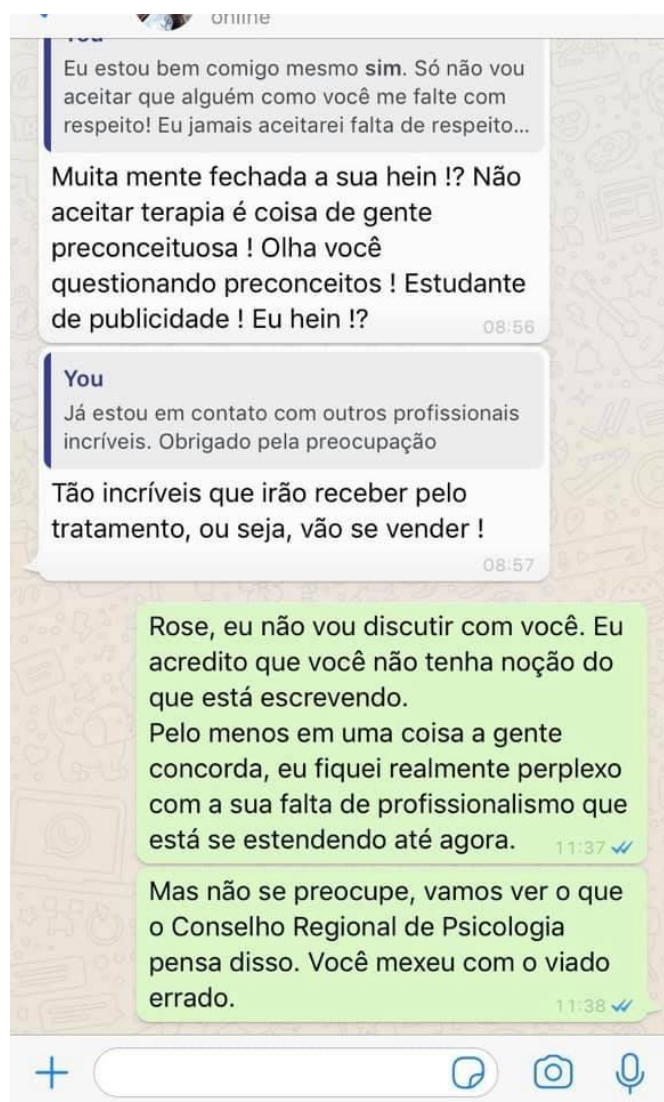
Fonte: Grupo LDRV

Ao dizer que o paciente “merecia a sarjeta”, a psicóloga reforça estigmas e humilhações, em violação direta à ética profissional da Psicologia (CFP, 1999).



Fonte: Grupo LDRV

Outros enunciados, como “rebelde sem causa” e a crítica ao curso do paciente (“Estudante de publicidade! Eu, hein!?”), confirmam o tom ofensivo e a falta de acolhimento da profissional.

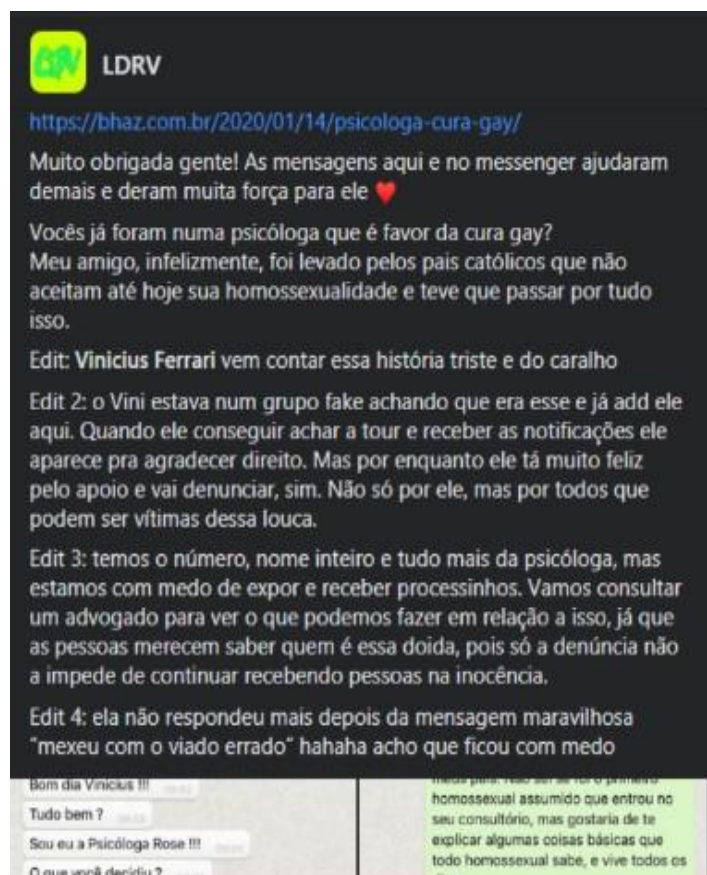


Fonte: Grupo LDRV

A resposta final do paciente é a virada discursiva que dá nome à dissertação: “Você mexeu com o viado errado”. O insulto é reapropriado como marca de enfrentamento.

3.3 A PUBLICAÇÃO NO FACEBOOK: RECONTEXTUALIZAÇÃO E DENÚNCIA

A amiga do paciente publica os prints no grupo LDRV, ampliando a discussão para a esfera pública digital. A publicação começa com um questionamento que envolve os leitores: “Vocês já foram numa psicóloga que é a favor da cura gay?”



Fonte: Grupo LDRV

Em seguida, ela relata a experiência do amigo e insere as 12 imagens do WhatsApp como provas da agressão verbal. A publicação recebe apoio massivo e é atualizada com cinco edições que narram o avanço do caso, incluindo a intenção de denúncia formal e a repercussão na mídia.

4 DISCUSSÃO

A análise evidencia o embate entre dois projetos enunciativos. O primeiro, da psicóloga, está enraizado em uma concepção patologizante da homossexualidade, ancorada em valores morais e religiosos. Esse discurso, conforme apontam Volóchinov (2017) e Bakhtin (2016), carrega um acento valorativo que busca naturalizar visões ideológicas dominantes como se fossem neutras ou científicas.

Apesar da Resolução CFP nº 1/1999 proibir expressamente qualquer tipo de “cura” da homossexualidade, a profissional insiste em validar sua conduta com base em juízos pessoais, desrespeitando o paciente e violando os princípios da Psicologia enquanto ciência e prática profissional (CFP, 1999; Garcia & Mattos, 2019).

O paciente, por sua vez, formula um contra-discurso sustentado pela responsabilidade ética, pela clareza conceitual e pelo respeito. Sua fala responde ao discurso da psicóloga não apenas com

indignação, mas com elementos informativos, coerência argumentativa e um reposicionamento ativo frente à violência simbólica (Bakhtin, 2016; Stella, 2018).

Quando essa conversa migra para o Facebook, ocorre uma mudança significativa de esfera discursiva (Bakhtin, 2016). O enunciado é recontextualizado: aquilo que era um diálogo individual transforma-se em denúncia pública. Essa reacentuação, segundo Volóchinov (2017), permite que o discurso alheio seja apropriado por novos sujeitos e com novas intenções, assumindo sentidos sociais distintos.

O grupo LDRV, por ser um espaço de acolhimento LGBTQ+, fortalece o projeto enunciativo da denúncia. As respostas dos membros, os comentários, as reações e a visibilidade gerada pelo post demonstram como os ambientes digitais possibilitam não apenas a circulação, mas a amplificação de discursos de resistência. Nesse contexto, o insulto “viado” é ressignificado como símbolo de empoderamento, um exemplo do que Brait (2018) chama de estilização dialógica da palavra.

Além disso, a viralização da postagem mostra como as redes sociais funcionam como arenas de enfrentamento simbólico, onde práticas abusivas podem ser expostas e denunciadas, ainda que fora dos canais institucionais tradicionais. A denúncia não apenas gerou repercussão pública, mas também mobilizou ações de responsabilização, como relatado nos “edites” da publicação.

Por fim, esse caso é exemplar para pensar os modos como a linguagem — e especialmente os gêneros discursivos digitais — pode operar como ferramenta de denúncia, reposicionamento e resistência. A transição do enunciado privado para o público não altera seu conteúdo material, mas transforma seu valor social, seu efeito político e sua função comunicativa.

5 CONCLUSÃO

A análise realizada ao longo deste estudo evidenciou como uma conversa privada entre psicóloga e paciente, originalmente travada em ambiente digital intimista (WhatsApp), é ressignificada a partir de um novo projeto de dizer ao ser publicada no Facebook com o intuito de denúncia pública. Esse deslocamento discursivo não se limita à mudança de plataforma; implica também uma reconfiguração ideológica, valorativa e comunicativa, marcando o embate entre diferentes visões de mundo, tal como destacado na perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin (2016)

Ao analisar os enunciados da psicóloga, identificamos um discurso fortemente marcado por valores morais conservadores e preconceituosos, que contrariam a ética profissional da Psicologia brasileira (CFP, 1999; Garcia & Mattos, 2019). Expressões como “homossexualismo”, “sarjeta” e “eu não me vendo” revelam não apenas um posicionamento contrário à orientação sexual do paciente, mas

também a tentativa de imposição de uma verdade monológica e excludente — uma característica típica do que Bakhtin (2011) define como discurso autoritário.

Por outro lado, a resposta do paciente assume a forma de um contra-discurso informado, responsivo e ético. Ao exigir respeito, apontar erros conceituais e reapropriar insultos, ele protagoniza uma resistência discursiva que culmina na afirmação de sua identidade. O enunciado “Você mexeu com o viado errado” torna-se, nesse sentido, uma virada performativa (Stella, 2018), invertendo o lugar da injúria em uma forma de agência e denúncia.

A publicação no Facebook marca a ampliação desse projeto de dizer: o que era uma experiência individual de violência simbólica torna-se uma narrativa coletiva de enfrentamento e mobilização. Os comentários, reações e atualizações feitas no post analisado demonstram como as redes sociais digitais operam como espaços de resistência e reavaliação ideológica (Boyd, 2011; Correia & Moreira, 2014). Nesse ambiente, a noção de público se expande, o discurso circula entre sujeitos afetados por opressões semelhantes, e o enunciado inicial adquire novas camadas de sentido. A partir da metodologia de descrição-análise-interpretação (Sobral, 2010), foi possível compreender que os sentidos não são dados, mas construídos dialógica e historicamente. Os enunciados analisados não se explicam apenas por seu conteúdo semântico, mas por sua inserção em gêneros discursivos específicos, suas relações com discursos anteriores e suas condições sociais de produção e circulação (Volóchinov, 2017).

Conclui-se, portanto, que a linguagem desempenha papel central na constituição dos conflitos ideológicos e nas formas de resistência. Ao serem apropriadas de modo estratégico e responsivo, plataformas como o Facebook tornam-se instrumentos de denúncia, visibilidade e empoderamento de sujeitos historicamente marginalizados. A análise aqui proposta, ainda que centrada em um caso específico, aponta para a importância de estudos que articulem linguagem, sexualidade, ética profissional e tecnologia, especialmente em tempos de crescente intolerância.

Como perspectivas futuras, destaca-se a necessidade de ampliar investigações semelhantes em outras plataformas digitais e contextos discursivos. Além disso, propõe-se o fortalecimento de práticas educativas baseadas na escuta, na valorização da diversidade e na formação crítica para o enfrentamento de discursos discriminatórios — tanto no campo da Psicologia quanto no da Educação (Acosta Pereira, 2013; Brait, 2018).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha orientadora, Karina Giacomelli, pela escuta atenta, pelos ensinamentos generosos e pela confiança em todas as etapas deste trabalho. À banca avaliadora, pelo olhar crítico e pelas contribuições valiosas que enriqueceram este estudo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, pela formação sólida e pelos espaços de diálogo e reflexão. À CAPES, pelo apoio financeiro que tornou esta pesquisa possível.

Aos colegas e amigos que acompanharam minha trajetória com afeto e incentivo, especialmente durante os momentos mais desafiadores. E, por fim, a todas as pessoas LGBTQIA+ que transformam vivências de dor em força, resistência e luta por justiça — este trabalho é também por vocês.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA PEREIRA, R. A. A prática de análise linguística mediada pelos gêneros do discurso: matizes sócio-históricos. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 494-520, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/15020/11137>. Acesso em: 26 jun. 2025.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. Tradução de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BOYD, D. Social network sites as networked publics: affordances, dynamics, and implications. In: PAPACHARISSI, Z. (org.). *A networked self: identity, community and culture on social network sites*. New York: Routledge, 2011. p. 39-58.
- BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. *Gragoatá, Niterói*, n. 21, p. 115-132, 2006.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 9-33.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Resolução nº 001/1999: estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Brasília: CFP, 1999. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf. Acesso em: 26 jun. 2025.
- CORREIA, A. S.; MOREIRA, M. L. Redes sociais na internet e subjetividades em tempos de virtualidade: possibilidades de (re)existência. *Revista Digital do LAV, Santa Maria*, v. 7, n. 1, p. 95-110, jan./jun. 2014.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, S. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 6.
- GARCIA, J. R.; MATTOS, A. R. Despatologizar a homossexualidade: uma questão de direitos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 39, p. 152-165, 2019.
- GIANASTÁCIO, F. A luta pelo nome: a diferença entre homossexualismo e homossexualidade. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 115-130, jan./mar. 2011.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MESQUITA, M. T. M.; PERUCCHI, J. Considerações sobre a "cura gay" e os discursos normativos da heterossexualidade. *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, v. 28, n. 3, p. 409-417, set./dez. 2016.
- SOBRAL, A. Análise dialógica do discurso: conceitos e perspectivas metodológicas. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 53-69, jan./jun. 2006.

SOBRAL, A. Perspectivas metodológicas na análise dialógica do discurso. In: BRAIT, B. (org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2018. p. 155-176.

STELLA, R. O insulto como performance: ressignificações de termos estigmatizantes por grupos LGBTQ+. *Periódicus*, Salvador, v. 2, n. 2, p. 133-150, jul./dez. 2018.

VOLÓCHINOV, V. N. Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Sheila Grillo. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.